

## ANÁLISE CONVERSACIONAL DE RECURSOS LINGUÍSTICO-INTERACIONAIS EM DISCURSOS DO GÊNERO MUSICAL RAP

Carla Aparecida Gonçalves<sup>1</sup>  
Joane Marieli Pereira Caetano<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo tem por temática o emprego de recursos linguístico-interacionais em discursos orais. Objetiva-se analisar tais textos conforme a teoria da Análise Conversacional proposta por Marcuschi (2003). Metodologicamente, de início, tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico; *a posteriori*, transcreveu-se o *corpus* selecionado: rap “Só Deus pode me julgar”, de autoria do rapper MV Bill, segundo o protocolo de transcrição oral de Marcuschi (2003); em seguida, identificaram-se os recursos linguísticos presentes, considerando as categorias de análise: gírias, marcas interacionais fáticas e retóricas; por fim, argumenta-se em favor da necessidade destes recursos a fim de atender os ordenados comunicativos do gênero textual em questão. Como aporte teórico, recorre-se a Marcuschi (2003), Antunes (2010), Alkmim (2001), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise da Conversação. Texto oral. Marcas interacionais.

### INTRODUÇÃO:

A Análise da Conversação (doravante, AC) é uma perspectiva linguística relativamente nova, vertente da Sociologia, surgida em meados de 1960, tendo como preocupação maior a análise de textos orais, em especial, de diálogos. Também denominada estudos de “fala-em-interação”, esta perspectiva teórico-metodológica trabalha com construtos verbais ou não verbais.

Neste contexto, este artigo pretende recorrer à AC para analisar o emprego de recursos linguístico-interacionais em músicas do gênero rap, a fim de desnudar como os marcadores conversacionais ali presentes são fundamentais para o cumprimento do propósito comunicativo do rap e, ainda, para a caracterização do próprio gênero musical.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, as seguintes etapas foram realizadas para tessitura deste trabalho: estudo bibliográfico, com respaldo

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. E-mail: rlagonçalves@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em Cognição e Linguagem (UENF). Especialista em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Professora de Linguística Textual e Sociolinguística (UNIFSJ). E-mail: joaneiff@gmail.com

teórico em Marcuschi (2003), Antunes (2010), Alkmim (2001), dentre outros; transcrição do texto oral, em consonância com os protocolos elaborados por Marcuschi (2003); identificação dos marcadores conversacionais presentes; definição de categorias para análise da fala: gírias, marcas interacionais fáticas e retóricas; análise dos dados sistematizados.

Assim, a análise de textos, em especial, proveniente de contextos orais de uso, “nos permite levantar expectativas e construir modelos de como os textos são construídos e funcionam. O conhecimento destes modelos é fundamental para ampliação de nossas competências comunicativas” (ANTUNES, 2010, p. 49).

Este estudo se faz relevante, portanto, devido à necessidade de fomento de pesquisas que visem a ampliação de estudos voltados para a análise de textos orais, ainda pouco estudados no contexto brasileiro. Outra vantagem, de suma importância, é a investigação da potencialidade de recursos empregados pelo texto oral para melhor compreensão da dinamicidade e criatividade da língua.

### **1 Primados teóricos da AC pelo viés de Marcuschi (2003)**

Devido ao surgimento recente, com seus estudos iniciais por volta da década de 60, a AC é uma área timidamente explorada, o que se configura como uma perda de possibilidades significativas de análise linguística, pois pouco se sabe sobre o funcionamento da fala, sobretudo, acerca dos processos conversacionais que a permeiam. Diante de tal potencial de pesquisa, Marcuschi (2003, p. 5) aponta dois fatores motivadores para o estudo da conversação: primeiro, a conversação é uma prática social; e segundo, é um espaço privilegiado para a construção de identidades sociais em contexto práticos e reais de uso linguístico.

Em resgate histórico da AC, vê-se que, *a priori*, situada na linha da Etnometodologia e da Antropologia, destinava maior atenção à descrição da estrutura de conversação e seus mecanismos organizadores, uma vez que:

Norteou-a o princípio básico de que todos os aspectos da ação e interação social poderiam ser examinados e descritos em termos de organização estrutural convencionalizada ou institucionalizada. Isto explica a

predominância dos estudos eminentemente organizacionais da conversação (MARCUSCHI, 2003, p. 6).

A abordagem supracitada ainda era insuficiente para compreensão de outros fenômenos intrínsecos à conversação: os conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais. Neste momento, pós década de 70, a AC reformula sua atividade de análise e passa a aderir à “perspectiva [que] ultrapassa a análise das estruturas e atinge processos cooperativos presentes na atividade conversacional: o problema passa da *organização* para a *interpretação*” (MARCUSCHI, 2003, p. 6, grifos do autor).

Ainda segundo o autor, o objeto de análise da AC são os processos conversacionais focados na prática do dia a dia do ser humano, tais como o *rap*, gênero musical, marcadamente, oral e demarcado no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, em relação ao propósito de estudo, a AC estuda a estrutura linguística por sua natureza dialógica em seus aspectos referentes à intenção do emissor e à qualidade da mensagem dentro de determinado contexto.

O caleidoscópio de oportunidades de análise do texto conversacional se deve à dinamicidade do usuário da língua ao produzir textos orais, algo muito influenciado pela agilidade e espontaneidade dos diálogos, bem como das necessidades e intencionalidade comunicativas no momento de interação, promovendo, assim, uma multiplicidade de usos e manejos dos recursos linguísticos. Gumperz (1982, p. 23) ratifica tal afirmação ao salientar que:

A diversidade lingüística funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia-a-dia no sentido de que, numa conversação, os interlocutores – para categorizar eventos, inferir intenções e apreender expectativas sobre o que poderá ocorrer em seguida – se baseia em conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar.

Embora uma perspectiva tradicionalista venha a enxergar esta diversidade linguística como um verdadeiro caos, este estudo se vale das considerações de Marcuschi (2003, p. 3) ao prediz que “o desempenho linguístico na fala não serve apenas da gramática e do léxico da língua, mas lança mão dos mais variados recursos (...)”, que são fundamentais para a dinâmica específica do gênero textual música, no sub-gênero rap.

## 2 O uso da linguagem em favor da interação: os recursos linguístico-interacionais comuns ao gênero musical RAP

Dentro dos estudos sobre linguagem, sabe-se que há várias formas de concebê-la, a partir da ótica de diversos autores. Neste estudo, aborda-se a classificação apontada por Geraldi (1999) e Travaglia (1998), autores que concordam com a existência de três formas de concepção da linguagem: (i) a linguagem como expressão do pensamento; (ii) a linguagem como instrumento de comunicação; e (iii) a linguagem como forma ou processo de interação.

A partir das considerações de Geraldi (1999) e Travaglia (1998) e tendo em vista que em (i) evidencia-se uma perspectiva mais tradicionalista, que compreende a linguagem como expressão do pensamento pautada em regras consubstanciadas em modos clássicos dos “bons escritores”, e que em (ii) isola-se a língua de seu processo de produção e dos fatores extralinguísticos inerentes ao uso da língua, este artigo ancora-se na perspectiva teórica da terceira concepção de linguagem: *como forma ou processo de interação* (GERALDI, 1999; TRAVAGLIA, 1998).

Nesta perspectiva, originária das teorias enunciativas, a linguagem é entendida como ação social influenciadora de nossa visão de mundo. Em referência ao aspecto comunicativo, supera (ii), pois vai além de compreender a linguagem como possibilidade de comunicação, correlaciona o processo de verbalização em sua função interlocutiva, materializado em práticas sociais diversas. Assim, este viés teórico-metodológico considera a linguagem como um processo, em constante metamorfose.

A compreensão da linguagem em sua interação resgata o esquema comunicativo de Jakobson (1960), constituído por emissor, receptor, referente, código, canal e mensagem. Nesse sentido, comunicar não se detém exclusivamente a transmitir informações, mas, nas palavras de Fiorin (2015, p. 74), a “agir sobre o outro e, por conseguinte, não é só levá-lo a receber e compreender mensagens, mas é fazê-lo aceitar o que é transmitido, crer naquilo que se diz, fazer aquilo que se propõe”. Verifica-se, então, que a comunicação é alicerçada por seus intuitos comunicativos e, em razão disso, será constatado nas análises realizadas neste estudo que o uso dos recursos

linguístico-interacionais são artifícios do interlocutor para fazer valer esta premissa: cumprir os propósitos de comunicação do gênero textual rap, os quais, a grosso modo, dizem respeito à transmissão de uma ideologia, à proposição de reflexões por intermédio da letra musical e à manutenção da fidelidade e da atenção do público alvo.

### 3 Análise dos dados da pesquisa

Esta pesquisa coletou o *corpus* na rede social *Youtube*. Escolheu-se o gênero musical rap, proveniente do hip hop americano, pela sua potencialidade de retratar o cotidiano de famílias pobres, negras e de periferia. Caracterizado pela batida forte e gírias de guetos das grandes cidades, a letra vem em forma de discurso e muita informação, com o intuito de denúncia social ou reflexão.

Quanto à situação comunicativa, o vídeo é de um registro de um *show* de rap na lapa, um ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro; é um local de encontros de uma cultura local, tendo geralmente como público turistas e moradores de favelas das redondezas. Em contexto informal de interação do cantor com o público, identifica-se considerável grau de intimidade entre os falantes.

Sobre o interlocutor, MV Bill, nota-se que o cantor produz músicas não se pautando em aplicar conceitos e regras gramaticais, mas em passar sua ideologia, através do emprego de vários recursos estilísticos do rap.

Identificou-se como intenção comunicativa, a retomada de situações do cotidiano brasileiro na música para que o público se identifique. Acerca do uso da linguagem, o cantor recorreu à modalidade informal, de acordo com as exigências para comunicação com aquele grupo social e com as demandas do próprio gênero musical em questão. É muito mais fácil um jovem de periferia ir a um show e ouvir política, mas com uma linguagem no qual está acostumado, informal, do que ele ir a um comício onde são usadas palavras fora de seu contexto, ele não iria entender. A música mostra-se, portanto, com alto teor ideológico e adaptada ao contexto social em análise.

A música de rap “Só Deus pode me julgar” foi lançada em 2002 e postada na rede social *Youtube* para compartilhamento em 31 de março de 2002, pelo canal oficial do cantor MV Bill, com duração de 8’26”.

### 3.1 Considerações sobre a transcrição do *corpus*: rap “Só Deus pode me julgar”, autoria de MV Bill

Para a análise do texto oral contido no vídeo, usa-se o seguinte glossário, de acordo com o protocolo de transcrição de falas elaborado por Marcuschi (2003, p. 9), porém com algumas inserções adaptadas:

Protocolo de Transcrição de falas, baseado em Marcuschi (2003)	
Sinal	Especificação do uso
[[	Falas simultâneas
[	Sobreposição de vozes
[ ]	Sobreposições localizadas
(+)	Pausa pequena (até 1.5 segundo)
(1.8) <sup>3</sup>	Pausa superior a 1.5 segundo
( )	Dúvidas e suposições
/	Truncamentos bruscos
MAIÚSCULA	Ênfase ou acento forte
::	Alongamento de vogal
(( ))	Comentários do analista
”	Entonação para uma subida rápida, equivalente a um ponto de interrogação
'	Entonação para uma subida leve, equivalente a uma vírgula ou ponto e vírgula
·	Entonação para descida leve ou brusca.
e e e ela	Repetição ou reduplicação de letra ou sílaba
... ou /... /	Indicação de transcrição parcial ou de eliminação.

A legenda é composta apenas de duas codificações: F para simbolizar fala do rapper MV Bill; e P em referência às respostas em coro dos *back in vocals* ou do público presente na apresentação.

### 3.2 Análise Conversacional dos fatores: marcas conversacionais fáticas, estrato social e recurso estilístico

<sup>3</sup> Inserir o tempo cronometrado dentro dos parênteses, a saber: (1.8), (2.5), (3.2).

No início da música estudada já se pode verificar o uso conjunto de alongamentos de vogais, ênfase ou acento forte, pausas pequenas e truncamento brusco, indicadores de uma marca típica do rap, comum à abertura do show ou de início de música:

F: O::u” (+) E::i” (+) O::u” (+) E::i” /.../

Além disso, este recurso serve para estabelecimento do primeiro contato com os interlocutores, conduzindo-os a participar do canto, uma vez que o primeiro alongamento (O::u”) é reproduzido pelo cantor e induz-se, a partir da pausa pequena (+), para que o segundo alongamento (E::i”) seja realizado pelo público ouvinte.

Verificou-se também que a sobreposição de vozes e repetições também se caracteriza como marca do gênero musical rap, com o mesmo intuito de promoção da interação entre interlocutores, a saber:

F: /.../ Respeito é pra quem tem /.../ (+) e no rio eu sei que tem”

P: [tem”

F: Pra quem tem”, pra quem tem” /.../

Nota-se, ainda, que a quebra de linearidade sintática, demarcada pelo truncamento brusco, é própria do rap devido a necessidade de ritmização específica deste gênero, bem como por causa da intencionalidade de não fornecer informações longas e detalhadas, mas de se traçar sugestões, a partir de construções sintetizadas, para que as interpretações provenham de inferências realizadas pelo público em sua reflexão, o que pode ser constatado em:

F: Uma das piores distribuições de RENDA/

F: Antes de morrer talvez você ENTENDA /.../

Importa perceber que o compositor utiliza apenas uma expressão nominal (Uma das piores distribuições de renda), apresentando, inicialmente, pouco detalhamento de informações, mas ao compreender o *locus* da situação comunicativa analisada, já se pode, de antemão, inferir que se trata de uma crítica à dinâmica econômica brasileira.

Nesse sentido, Antunes (2010, p. 46) salienta que “não é sem razão: é consensual, no âmbito da linguística do texto, o princípio de que muitos fatos

da língua, sobretudo aqueles relativos ao seu funcionamento, não cabem nos limites da frase”.

As teorias da comunicação respaldadas em Jakobson (1970) e resgatadas nas palavras de Alkmim (2001, p. 25) complementam essa premissa ao afirmar que:

(...) o ponto de partida é o processo comunicativo amplo, e isso leva a ultrapassar a óptica estreita de uma análise do fenômeno lingüístico ancorada apenas em suas características estruturais. (...) o referido autor privilegia também os aspectos funcionais (...).

O uso de marcas interacionais fáticas também é recorrente, representadas, neste diálogo, pelo uso de repetições de pronomes indefinidos, constituindo verdadeiras perguntas retóricas, uma vez que objetivam não necessariamente respostas diretas ao questionamento, mas uma reflexão abrangente do fenômeno social retratado, como se pode observar a seguir:

F: Me acorrentaram (+) mas não meus pensamentos/  
F: Me fale quem...Quem!?  
P: [Quem!?  
F: Tem o poder... Quem!?  
P: [Quem!?  
F: Pra condenar... Quem!?  
P: [Quem!?  
F: Pra censurar... Alguém!?  
P: [Alguém!?

Tais construções servem, assim, de convite ao interlocutor para participação do diálogo, isto é, do construção interacional por meio do rap, algo que se mostra como exigência do gênero musical aqui tratado, pois através de perguntas o emissor cobra uma reflexão sobre o discurso que foi transmitido pela música, em outras palavras, o objetivo principal gira em torno do contexto com vistas à qualidade da mensagem emitida.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Considera-se que se pode perceber que o rap é um discurso abrangente. Estruturas como laços e capital social determinam a AC e com os textos emitidos por este gênero musical se pode verificar o dinamismo dialógico definidor de novas marcas verbais e não verbais de interação.

Em discurso retórico, em um ponto de vista sintático, nota-se a perda de linearidade justificada pela necessidade comunicativa de estímulo à interpretação do interlocutor. No entanto, essa quebra de raciocínio é fundamental no rap para cumprir seu intuito comunicativo de interação com o público, algo que, inclusive, caracteriza o gênero.

As marcas interacionais fáticas se fazem presente em constância, realizadas, no corpus analisado, pelo uso de gírias, perguntas retóricas e repetições, constituindo a formalização de um convite ao interlocutor para participar da conversa e construir com o cantor o rap tocado.

Em uma perspectiva mais enunciativa do que meramente formal, verifica-se a potencialidade de recursos empregados pelo rap em análise, que podem ser mais bem evidenciados a partir da aplicação da AC.

#### REFERÊNCIAS:

ALKMIM, Tânia. Sociolingüística. In: MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GUMPERZ, John. **Discourse Strategies**. Londres: Cambridge University Press, 1982.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970. (título original, 1960).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2003.

**MV Bill Só deus pode me julgar no RAP na LAPA**. 8'26". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1wRTSLsheWQ>. Acesso em: 30 set. 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.